

Opinião

Democracia de justiceiros

Eduardo Veiga Nogueira
4º Período

Moro não é filiado ao PT, como informou a Justiça Eleitoral com base em seus registros. A princípio, a fraude coube a uma ação hacker não identificada. Pouco importa, na verdade. Vida que segue. O petismo continua com seu propósito arrivista de chegar novamente à Presidência por meio do totem e líder Lula; o ex-juiz da Lava Jato deve se acertar com o Podemos nos próximos dias e, enfim, arranjar seu trampolim para alcançar a terceira via. Mas, se a piada é absurda, a ironia de colocar Sergio Moro e o ex-presidente de baixo de um mesmo emblema não contradiz a postura que ambos tiveram frente à democracia.

O campo ideológico os distancia, mas a prática antidemocrática os aproxima e coloca

como personagens centrais da relação entre a história recente do Brasil e a Justiça. Um trágico mal-entendido. Pois, sob o olhar atento, dadas as proporções, vê-se apenas um jacobinismo fajuto, tanto em Sergio Moro como no PT. Os dois rasgaram a democracia com o pretexto de cumpri-la.

Talvez querendo se autoproclamar sentinela da justiça social, o primeiro governo Lula centralizou o Mensalão, esquema milionário de compra de parlamentares que seria superado apenas pelo Petrolão. Boas intenções do lado petista jamais poderiam embasar a distribuição de propina para conquistar apoio político. Negar a corrupção escancarada em 2005, as conde-

nações de dirigentes do partido em 2012 e a presente tentativa de reescrever o passado é negar, também, o pacto democrático.

O mecanismo para investigar Lula também se entorpeciu e se esquivou da democracia nas mãos de Moro. O ex-juiz alçou o heroísmo ao estampar a caça ao ex-presidente em uma operação carregada de ilegalidades - como ficou evidente na Vaza Jato. A imparcialidade de Sergio Moro contaminou os processos de Lula que deveriam, sim, condená-lo. A esperança que havia de minar o alcance da corrupção e fortalecer o Estado desgastado morreu com a sangria de Moro, pois, como ficou evidente, ele também se alimenta desse quadro.

Atualmente, a democracia brasileira é atacada, defendida e colocada em xeque. O que o presidente Jair Bolsonaro vomita em encontros mundiais e lives de quinta-feira não apenas denuncia um Brasil que esteve oculto, porém sempre vivo. Exibe também o resultado de anos em que a democracia foi esvaziada. Em que tivemos Justiça feita por justiceiros. No entanto, as náuseas de Bolsonaro não devem arrefecer nosso olfato ao que exalam PT e Sergio Moro.

O que fazer? Ainda há um ano até o pleito. Perguntemos aos hackers.

Opinião

Presidente ou pai do ano?

Maria Luisa Cordeiro
2º Período

Definindo o Brasil em uma palavra, eu não diria samba, nem Carnaval - apesar de adorar as festas -, mas, sim, patrimonialismo. Lilia Schwarcz explica: "Entendimento, equívocado, de que o Estado é bem pessoal, 'patrimônio' de quem detém o poder".

O presidente da República e seus filhos vivem cruzando a linha entre o público e o privado. Carlos Bolsonaro, vereador do Rio de Janeiro, utiliza as redes sociais do presidente. Jair Bolsonaro afirma que indicaria seu filho para ser embaixador dos EUA, porque "pretendo beneficiar um filho meu, sim". Já o Exército aceita Laura Bolsonaro no colégio militar sem processo seletivo, atendendo a um pedido do presidente.

A CPI da Covid, no começo de novembro, demonstrou exatamente o que argumento aqui. Eles justificaram as quebras de sigilo das redes sociais de Jair Bolsonaro afirmando que o presidente se utilizou de financiamento público para "promoção pessoal, promoção institucional

[...] em detrimento do interesse público".

Quando o público se mistura com o privado, o governante começa a agir com base em seus princípios morais particulares, independentemente do bem-estar geral. O Estado deixa de cumprir seu papel para se tornar uma empresa privada ou, até mesmo, um negócio familiar.

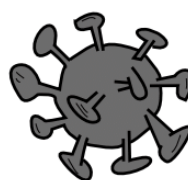
Jair Bolsonaro não se candidatou para o cargo de "pai do ano"; e, sim, para presidente da República. O personalismo político e o patrimonialismo são características autoritárias que colocam em xeque a nossa - já frágil - democracia.

Temos de parar de apoiar candidatos que só defendem a família; afinal talvez eles estejam se referindo apenas a deles. Não está na hora de começarmos a lutar por uma república? Uma república na origem da palavra: coisa pública. É preciso aprender com o passado e exigir políticos que realmente estejam preocupados com o interesse público de todos os cidadãos.

Comunitiras

Tayná Luyse

TUDO ERRADO



Expediente

Edição 332 - 2021 | O Comunicare é o jornal laboratório do Curso de Jornalismo PUCPR
jornalcomunicare.pucpr@gmail.com | http://www.portalcomunicare.com.br
Pontifícia Universidade Católica do Paraná | R. Imaculada Conceição, 115 - Prado Velho - Curitiba - PR



ESCOLA DE BELAS ARTES

REITOR

Waldemiro Gremiski

DECANA DA ESCOLA DE BELAS ARTES

Ângela Leitão

COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO

Suyanne Tolentino De Souza

COORDENADORA EDITORIAL

Suyanne Tolentino De Souza

COORDENADOR DE REDAÇÃO / JORNALISTA RESPONSÁVEL

Renan Colombo (DRT-5818-PR)

COORDENADOR DE PROJETO GRÁFICO

Rafael Andrade

TRADUÇÃO

Ivan Martins Cintra

FOTOS DA CAPA

Júlia Barossi

Estudantes

2º Período de Jornalismo

Adriano Sirius
Amanda da Silva
Ana Carolina Augusto
Annelise Mariano
Bernardo de Souza
Bruna N. Pelegrini
Bruno Akio Tossa
Caio Yuke Remza
Eduardo da Silva
Enrique Cuinart
Felipe Tomaz
Felipe Lunardi
Gabriela de Jesus
Giovanna Catapan

Gustavo Vale
Igor Barrankievicz
Ingrid Lopes
Isabela Lobianco
Isabella Elias
Ivan Cintra
Janaína Furtado
João Américo Goulart
João Caetano Guimarães
João Vitor Vieira
José Henrique Garlet
Julia Moreira
Julia Barossi
Julia V. Sobkowiak
Juliana Boff
Laura Siqueira
Livia Santana

Lorena Kiluti
Luá Beatriz Martins
Luís Gustavo Bocattos
Maria Fernanda Dalitz
Maria Luisa Cordeiro
Mariana Santos
Mariana Bridi
Marina Zocolotte
Natalia Volaco
Nicolas de Oliveira
Pietra Gabiatti
Pietra Pozzetti
Tayná Luyse da Silva
Thaynara da Graça
Valentina Silva Nunes
Victor Augusto Dobjenski
Vinicius Setta

